



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

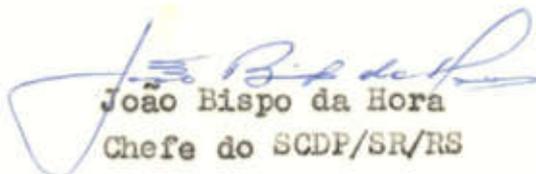


CERTIFICADO

Certifico que a peça teatral "JOÃOZINHO PETELECO", de autoria de Maria Helena Kühner, foi examinada e liberada por este Serviço, em caráter provisório, até a data de 30 de outubro de 1977, com censura livre, condicionada ao exame do ensaio geral.

O presente Certificado somente terá validade quando acompanhado do "script" devidamente carimbado pelo - SCDP/SR/RS.

Porto Alegre, 03 de outubro de 1977.


João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS

JOÃOZINHO PETELECO

Autora: Maria Helena Kühner

1º prêmio no Concurso de Curso de
Arte Dramática da Universidade de
Rio Grande do Sul.



Handwritten signature and date: 21/9/77

CENÁRIO:



Casinha (telhado, porta e janela visíveis). cerca lateral de madeira, tendo atrás, pintados sobre madeira recortada ou em fundo que possa ser retirado, girassóis de grande porte.

(Helena e Joãozinho, de uniformes e pasta, voltam do colégio)

HELENA - E você nem assim toma jeito, não é? Onde é que já se viu? Um menino do seu tamanho, já não é nenhum bebêzinho! ...

JOÃOZINHO - (Arremedando-lhe a voz) ... "já não é nenhum bebêzinho! E você, pensa que é a "tal"? Só porque tira medalha acha que pode mandar em mim, é?

HELENA - Só porque, tiro medalha, não! Você mesmo ouviu D. Eufrosina dizer na hora da distribuição de prêmios: "Você devia ser como sua irmã! Você tem a seu lado um modelo! Por que não o segue?

JOÃOZINHO - Ah, é? Então vou começar ... (Observando e imitando) Primeiro, por o nariz para o alto; depois fazer cara de convencida, de quem é "a maior" ...

HELENA - Olha aqui, seu bobalhão! É melhor convencida do que ter o apelido ridículo de Joãozinho "Peteleco", porque não pára de mexer com os outros!

MÃE - (Pondo a cabeça pela janela) Ih! Já chegaram brigando ou tra vez! Vocês não conseguem ficar juntos, como dois irmãos, sem discutir e brigar!

HELENA - É que este menino, pra variar, ficou de castigo porque foi espulso da sala ...

MÃE - Por que, Joãozinho?

HELENA - (Respondendo por ele) - Porque pegou um pedaço de giz ...

JOÃOZINHO - Não era pedaço de giz! Era um foguete voador, com ponta bem fina, jato atrás ...

HELENA - (Como se ele não estivesse falando) ... e jogou na cabeça da professora que estava escrevendo no quadro ...

JOÃOZINHO - Não foi na cabeça dela! Joguei no Gelatina - aquele gordo de minha classe - mas deu azar dele afastar pro lado pra ver o quadro bem na hora e o foguete ... zuuummm. acertou direto na professora!

MÃE - Tem muita graça, não é? E ainda conta com essa cara! devia ter vergonha, Joãozinho! Quando eu vou ao colégio só recebo queixas de você: que não pára quieto, que mexe com todo mundo, que fala a aula toda, que não dá sossego dois minutos! Já nem tenho mais cara de aparecer lá!..

HELENA - Pois eu, pra compensar, tirei 1º lugar de novo ...

MÃE - Está vendo Joãozinho? Sua irmã só me dá prazer! Você devia seguir o exemplo dela! Mas você é o contrário! (Helena faz um gesto de quem diz: viu?) Só traz aborrecimentos pra mim e pra seu pai! Às vezes me dá vontade de pô-lo no colégio interno! Eu vou falar com ... (Pára, cheirando o ar) Ih, minha carne está queimando! (Entrando) Vão trocando de roupa pra não sujar o uniforme! Joãozinho, quando seu pai chegar você vai ver!

(Helena entra, vitoriosa. Joãozinho senta-se no batente da porta)

JOÃOZINHO - (Revoltado) - Ahn ... "Seguir o exemplo" ... Eu não sou vagão de trem pra andar seguindo os outros!.. Eu sou eu e ela é ela!.. Mania de pensar que todo mundo é igual, que um tem que fazer as coisas que o outro faz! Agora deu pra dizer que vai me mandar pro colégio interno! Então é que não gosta mais de mim (Comoventando-se), que não se incomoda que eu vá pra longe! Dá vontade de sumir logo, ir pra um lugar em que ninguém fique me chamando de "Peteleco" e lá ...

(Interrompe-o um grito vindo do fundo da platéia)

DOUTOR MICANÇO - Ah! Deve ser aqui!

(Doutor Micancô: maleta na mão, guarda-pó branco, cabelos revoltos, óculos na ponta do nariz, ar de cientista que vive no mundo da Lua.)

DOUTOR MICANÇO - Deve ser aqui mesmo! Vejamos: (Vai andando para o palco enquanto consulta bússola) o ponto estaria a 5º de latitude e sobre o meridiano que passa pela cidade de Casca grossa. Se meus cálculos estão certos, estou apenas a alguns passos do local exato!

(Vai subindo para o palco, passando ao lado de Joãozinho, que se levanta com o grito, sem vê-lo.)



JOÃOZINHO - Quem é esse?!..

(Intrigado, começa a segui-lo na ponta dos pés.)

(O doutor, ainda olhando a bússola, pára de repente e Joãozinho choca-se com ele)

DOUTOR MICANÇO - Oh! Perdão, caro jovem! É aqui que é aqui?

JOÃOZINHO - Ué, aqui só pode ser aqui! Queria que aqui fosse lá? (de lado) Esse sujeito é doido!

DOUTOR MICANÇO - Se aqui for aqui, então estou no lugar em que crescem os "Pilecantropus oleaginiticus" que coroarão de êxito minha experiência?

JOÃOZINHO - Hein? ... É algum bicho que o senhor está procurando, é?

DOUTOR MICANÇO - Bicho? Oh, não!.. (de lado) Esquecia-me que estava lidando com um ignorante!..

JOÃOZINHO - (de lado) - Pronto! Lá vem mais um pra me anarquizar!

DOUTOR MICANÇO - ("doutoral") - "Pilecantropus oleaginiticus" é o nome de uma qualidade especial daquilo que o vulgo chama de "girassóis". Girassóis, sabe o que é?

JOÃOZINHO - Ah! Falando como gente é lógico que sei. Na minha casa mesmo tem uma porção!

DOUTOR MICANÇO - (Ansioso) - Na sua casa! ... E onde é sua casa?

JOÃOZINHO - Ali

DOUTOR MICANÇO - Maravilhoso!! E, diga-me, são amarelos, com miolo marrom, e bem graúdos, da altura média de uma pessoa?

JOÃOZINHO - São! E daí?

DOUTOR MICANÇO - (Caindo de joelhos e abrindo os braços) - Ma-ra-vi-lho-so! Eis compensado o árduo labor de toda uma existência consagrada à pesquisa científica! Serei famoso! Ficarei imortal! Os povos venerarão minha glória e os homens murmurarão meu nome com respeito e unção!

JOÃOZINHO - (De lado) - Chi! Sempre ouvi dizer que doido é que tem mania de ser Napoleão ou de ser o tal! (Para ele). Escute aqui: quer me dizer pra que esse escândalo todo por causa de uns girassóis que ninguém liga e que crescem a

JOYOZINHO - (de lado) - Será que este homem é algum bruxo?
DR. MICANÇO - (Para si) - Quantos benefícios isto pode trazer!
polícia poderá prender bandidos sem que eles possam reagir;
a malade terá sempre medo de agir; E como se tornassem vi-
va e presente na mente dos homens a figura dos anjos da guar-
da que impedem as más ações; (Olhando o tubo contra a luz)
Pronto, meu amiguinho; Vamos experimentar; De-me algo;

(Jozinho tira do bolso vários ob-
jetos, os mais variados e inespera-
dos, como costuma conter um bolso
de menino desta idade. Escolhe um,
algo muito miúdo, um lenço ou fole,
por ex... e entrega ao doutor.)

DR. MICANÇO - (Tomando o objeto) - Derram-se o líquido num recipi-
ente... Você tem algum prato ou bacia?
JOYOZINHO - Espere aí;

(Entra em casa correndo; ouve-se a
voz da mãe.)

MÃE - Menina! Você ainda está de uniforme! Vai mudar de roupa!

(Ele volta com um prato na mão)

DR. MICANÇO - (Que ficara a examinar a reação no tubo) - Ótimo! Co-
mo eu dizia, derram-se o líquido num recipiente... assim...
treme-se o objeto e ... (Deixa o objeto atrás do prato, mas
tinge ergue-lo nas mãos)

JOYOZINHO - (Olhando, estático) - Sumiu!

DR. MICANÇO - Ah agora?

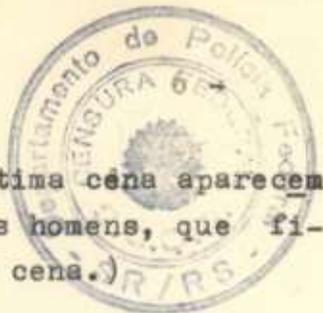
JOYOZINHO - Puxe! Sumiu, na minha frente; Ficou invisível, é?

DR. MICANÇO - (Ainda com as mãos na mesma posição) - Toque-o! Es-

ta em minhas mãos; Sumiu para os olhos, mas você pode senti-
lo com o tato.

(Jozinho faz gesto de quem apalpa
o objeto e exclama)

JOYOZINHO - É mesmo! Está aqui! Mas é legal! Puxe!



(Durante esta última cena aparecem no proscênio dois homens, que ficam observando a cena.)

DOUTOR MICANÇO - A inteligência do homem faz maravilhas, meu caro ! Com vontade, esforço e estudo o homem inventou quase tudo ! que existe!

JOÃOZINHO - ...É ... esse negócio de estudo é que atrapalha tudo... Mas até que eu gostaria de estudar se virasse cientista, nem que fosse maluco também!.. Ih! Desculpe, falei sem querer...

DOUTOR MICANÇO - Não faz mal... Também não me apresentei antes: - (Curvando-se) Doutor Macário Micanço, às suas ordens.

JOÃOZINHO - (Curvando-se também) - Joãozinho Peteleco...

(Os homens de fora da cortina)

1º BANDIDO - Doutor Micanço! É ele mesmo!

2º BANDIDO - Então aquilo que ele fez não foi mágica! Ele já descobriu a fórmula da invisibilidade! Vamos...

1º BANDIDO - Espere! Afobação pode por tudo a perder! Vamos esperar uma oportunidade e pegar o doutor e a maleta!

DOUTOR MICANÇO - (Continuando algo que dizia) ... e eu vou até lá comunicar minha descoberta. Como seria perigoso ficar andando por aí com minha maleta, vou deixá-la com você.

JOÃOZINHO - Pode deixar. Eu tomo conta.

DOUTOR MICANÇO - Eu não demoro muito. (Sai).

(Joãozinho senta-se ao lado da maleta, de costas para o lado em que estão os homens)

JOÃOZINHO - Puxa! Já pensou que gozado... Fazer sumir as coisas.... (Imaginando) Zuuuummm...! Queria só ver a cara de espanto dos outros...(Pausa) Será que serve para gente também?

(Um dos homens, pé ante pé, aproxima-se por trás)

JOÃOZINHO - Ficar invisível! Seria ótimo, só para dar um susto nos colegas ...na diretora... em Helena... Ela diz que não acredita em fantasmas... Ahn ...

(O homem espicha a mão para a maleta, Joãozinho se mexe e ele recua)



JOÃOZINHO - Puxa! Por falar em fantasmas tive até a impressão de ter um atrás de mim... É melhor ir para dentro...

(Começa a apanhar as coisas e fecha a maleta. O homem recua para junto do outro)

1º HOMEM - Diabinho! Vai pra dentro de casa e lá vai ser mais difícil pegá-lo! (Saem)

(Joãozinho, que parara como o tubo de ensaio nas mãos)

JOÃOZINHO - E se eu bebesse isso e ficasse invisível?... Ninguém liga pra mim... É como se ninguém me visse, como se eu fosse invisível mesmo... Até mamãe quer me ver longe... Então vou sumir! Pronto! Vou apanhar mais pólen e preparar um pouco de líquido para mim...

(Apanha o pólen - gemido. Fecha a maleta e entra em casa).

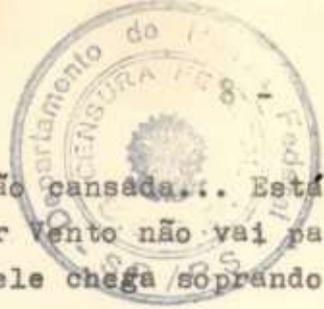
CORTE DE LUZ.

AO REACENDER A LUZ

Os girassóis pintados foram substituídos por figuras humanas que devem ser a reprodução exata das anteriores: corpo e pernas vestidos de malha verde; folhas presas aos braços; rosto marrom claro e, em torno do rosto, as pétalas amarelas. Ao começar o segundo ato, estão na mesma posição do primeiro; depois começam a mover-se e falar.

1º GIRASSOL - a Até agora estou com o nariz doendo por causa daquele doutor maluco que veio raspá-lo! Tirou toda a minha maquilagem!

2º GIRASSOL - Hum! Quando é o beija-flor que fica te namorando nem te incomoda!



3º GIRASSOL - (Espreguiçando-se) Ahn... Estou tão cansada... Está um calor tão grande ... Será que o Senhor Vento não vai passar por aqui hoje? É tão gostoso quando ele chega soprando, trazendo aquele fresquinho bom...

4º GIRASSOL - Eu prefiro Dona Chuva... Quando ela chega de mansinho e começa a jogar aquele chuveirinho na cabeça da gente, eu levanto os braços (Gestos) e deixo molhar o rosto até ele ficar cheio de gotinhas d'água...

2º GIRASSOL - É, mas às vezes ela vem furiosa e chega a dar cada lambada de água na gente!...

1º GIRASSOL - Ah, mas isso só quando Dona Ventania vem empurrando.. D. Ventania é que é um bocado bruta! Não sei como pode ser mãe de uma menina tão gentil como a Brisa...

VOZ DE JOÃOZINHO - Caramba! Será que estou ficando maluco? Flores conversando!

3º GIRASSOL - Epa! Vocês ouviram alguma coisa?

4º GIRASSOL - Ouvi a voz de Joãozinho (Procurando) Mas ele não está aqui...

1º GIRASSOL - (Que já tinha corrido a immobilizar-se de novo atrás da cerca) - Já ia correndo para o meu lugar! Não gosto de gente. Batem em nós, por brincadeira...

2º GIRASSOL - Quando não arrancam do lugar para enfiar em algum jarro...

3º GIRASSOL - Puxa! Você está sempre de mau humor... Pois eu até que gostaria de ser uma florzinha pequena e ir enfeitar o jarro de alguma casa... Ficar lá dentro, vendo o que as pessoas fazem... As são tão engraçadas!

2º GIRASSOL - Hummm... É o mesmo que na rua... Só fazem bobagens...

(Ouvem-se passos. As flores correm:)

GIRASSOLIS- Vem gente!

(Entra um sujeito de chapéu, asséviando. Ouve-se a voz de Joãozinho:)

JOÃOZINHO - É agora que eu vou me divertir!

(O chapéu do homem deve estar amarrado com um fio fino, que será puxado de trás. Quando o homem chegar ao meio da cena, puxá-lo para que caia e, à medida que ele quiser ir apanhá-lo, fazê-lo recuar de suas mãos. Jogo de cena)

(Helena tenta segurá-la, mas ela continua a pular.)

HELENA - Não consigo, Dona Eufrosina!

DONA EUFROSINA - (Endireitando o cabelo e os óculos, já quase caídos) - Este lugar está mal assombrado!.. Eu... / Eu vou chamar a polícia! (Sai sacudindo-se).

HELENA - (Só, rindo) - Até que foi engraçado ver como a velha se sacudia toda... Bem feito! Expulsar Joãozinho do colégio.. Essa também não!

VOZ DE JOÃOZINHO - É...? Mas você é a primeira a viver fazendo queixa de mim!

HELENA - Pra ver se você toma jeito! (Preocupada) Já pensou se ela expulsar você do colégio?

VOZ DO JOÃOZINHO - E só fica me chamando de Peteleco...E exibindo suas medalhas e seus prêmios...

HELENA - Mas não era melhor tirar medalha em vez de papai bater em você por causa de suas notas? Se ela agora te expulsar, então...! Ué, mas... onde é que você está?

VOZ DE JOÃOZINHO - Aqui!

HELENA - Aqui, onde? Joãozinho, não vai dizer que foi você que se escondeu e fez a velha...

VOZ DE JOÃOZINHO - Não escondi nada! Estou aqui a seu lado, sua boba!

HELENA - (Pula como se tivesse sido tocada) Ai!... Onde, Joãozinho

VOZ DE JOÃOZINHO - Aqui, olha!

HELENA - (Novo pulo) - Meu Deus! Joãozinho... virou fantasma! Mãe! Mãe!!! (Entra correndo).

VOZ DE JOÃOZINHO - (Risada) - Ah, ah, vivia dizendo que não acreditava em fantasma!

(Mãe saindo de casa com Helena, tem nas mãos um cobertor que sacode e joga sobre a cerca)

MÃE - Você está é sonhando...

HELENA - (Impressionada) - Não, mãe... Eu ouvi mesmo, tenho certeza: ele falou comigo!

MÃE - Impossível!

HELENA - E se ele ... E se ele morreu, mãe! A senhora disse ontem que ele ia ser mandado pro colégio interno! E depois disso ele não apareceu mais!

MÃE - Deve ter ido pra casa de sua avó... como costuma. Hoje é sábado, não há aula. Ele sempre sai cedo pra brincar.

(Entram D. Eufrosina, o homem do chapéu, um detetive de paletó riscado, boné, lente, livro na mão e dois policiais)

DONA EUFROSINA - Foi aqui, Sr, Detetive... Aqui mesmo!

HOMEM - Comigo também... Arrancaram-me o chapéu e davam risadas ...
Como lhe disse...

DETETIVE - (Com ar doutoral) - Não se preocupem! Não se preocupem! ' Eu, Apolinário Teodolino Agamenides da Silva, jamais falhei Deixem-me ver... (Consulta o livro) Priemiro: tirar impres - sões digitais... (Os outro o observam ; ele morde os lábios) Impressões digitais! Muito bem! Mas... (Pára quase na boca da cena, indeciso) Mas impressões digitais de quem?

VOZ - Minhas!

DETETIVE - (Voltando-se para o homem) - Suas? Mas por que as suas ?

HOMEM - Eu não disse nada!...

DETETIVE - (Ar de troça) - Aah! Vai querer que eu acredite que foi o tal "fantasma"... (Mal acaba de falar, sacode-se como se tivesse levado uma palmada. A figura mais próxima dele é D. Eufrosina, para quem ele se volta, irritado).

DETETIVE - Minha senhora, na sua idade estas brincadeiras não ficam bem! São inconcebíveis, mesmo!

DONA EUFROSINA - (Chocada) - Oh!... Mas o Sr. pensa! Fique sabenso' que eu sou uma senhorita e que, apesar de não ter muita idade jamais me permitiria tomar liberdades com um cavalheiro! Não me casei porque não sou como essas que andam por aí (Sacudidê-la) Oh! Sr. Policial (Que é o mais próximo) Eu não admito!

POLICIAL - Eu?!... Está maluca? Quem gosta de velho é reumatismo!(É empurrado pra frente e vira-se para o homem, perto dele). O Sr. está preso por desrespeito à autoridade!

HOMEM - (Assustado) O fantasma...! Deve ser ele, o fantasma!

(Zum- Zum Geral)

OUTRO POLICIAL - É melhor fugirmos!

DONA EUFROSINA - É melhor!

(Saem correndo precipitadamente e esbarram-se, aturdidos. Helena e a mãe que observavam a cena intrigadas, tentam detê-los, mas são empurradas pelos outros na correria. O detetive grita e pede calma, mas age como se tivesse sendo empurrado até chocar - se com D. Eufrosina, abraçando-se a ela, que solta um "OH", endireita os

óculos, mas ao virar-se para sair, cho-
ca-se novamente com o homem, etc. En-
fim, cena movimentada, de confusão e
correria).

DETETIVE - (Esboforido, já quase saindo de cena) - Eu... eu não estou
com medo, não!... Vou apenas... Buscar reforços!

(Os outros saem. afobados, atrás dele)

MÃE - O que será que está contecendo?... Helena, vá procurar Joãozi -
nho! Vou acordar seu pai para ver o que há!

(Saem, uma para cada lado, ficando a
cena vazia. Os girassóis retornam a s
sua conversa.)

1º GIRASSOL - Você viu?

3º GIRASSOL - Até que estava engraçado à bessa! A cara da velha, se
sacudindo toda! (Imita) Ah, ah, ah...

4º GIRASSOL - Então é que o menino está invisível mesmo!

2º GIRASSOL - É... mas já pensou se ele não ficar mais visível de no-
vo? Se ele ficar assim, feito fantasma, pro resto da vida?

VOZ - Ficar invisível pro resto da vida?...

1º GIRASSOL - Seria horrível!

VOZ DE JOÃOZINHO - Será que...?

GIRASSOIS - (Endireitam-se) - Olha, aí vêm os pais dele!

(Pai e mãe entram)

MÃE - (AFLITA) - E eu agora estou aflita mesmo! Será que aconteceu al-
guma coisa com este menini? Vai ver Helena tem razão! Eu fico
ameaçando de mandá-lo para o colégio interno, ele deve ter
pensado que era c verdade e fez alguma coisa!

PAI - Calma... calma... Joãozinho é levado, mas é um bom menino. Não
faria nada de mal...

MÃE - Mas... e se aconteceu alguma coisa com ele?

PAI - Não aconteceu nada, não!

MÃE - Não sei... Tenho medo... Está tudo tão esquisito!

HELENA - (Entrando, ofegante) - Procurei por toda parte ... ninguém
viu Joãozinho!... Fui até o rio ... Falei com Bolão, Gelatina
e com os meninos todos... Ninguém sabe dele!

MÃE - (Chorando) - Meu Deus! Está vendo? Aconteceu alguma coisa com
ele! Pra que é que eu fico falando sem pensar!

PAI - (Preocupado) - Vou eu mesmo procurar. Fique calma, que nós va-
mos encontrá-lo.

HELENA - Posso ir com você?

PAI - Venha!

SAEM.

VOZ DO JOÃOZINHO - Mãe, não chore...

MÃE - Se eu perder meu filho... euf fico louca!



VOZ DE JOÃOZINHO - Mas eu estou aqui... a seu lado...

MÃE - Fico até escutando a voz dele...

MÃE - (Chorando) - Minha Nossa Senhora! Fazeri que eu ache meu filho! Não sei viver sem ele! Eu prometo que não brigo mais com ele! Prometo ter paciência!... Prometo...

VOZ DE JOÃOZINHO - (Choroso) - Mãe!...

MÃE - Não paro de ouvir a voz dele me chamando... É melhor ir tomar um calmante enquanto espero a polícia e João chegar da cidade com Helena... (Entra).

VOZ DE JOÃOZINHO - E agora...! Pra que é que fui inventar de ficar invisível? E se não conseguir mais ficar visível de novo? E se ficar a vida toda sem meu pai e minha mãe! Meu Deus, o que é que eu vou fazer?

(Corte de Luz. Ao Reacender)

(Os girassóis novamente são cenário. Cobertos sobre a cerca, ainda. Joãozinho deve estar atrás dele para preparar o que se segue. Bandidos em cena.)

1º BANDIDO - Já procurei por toda parte! o menino deve ter escondido a maleta em algum canto!

2º BANDIDO - Não podemos ficar muito tempo lá dentro! A mãe dele está dormindo por causa do calmante que tomou, mas pode acordar e chamar alguém.

1º BANDIDO - Onde será que aquele diabinho meteu a maleta?

VOZ DE JOÃOZINHO - Diabinho, é? Já estou danado da vida e agora' você vai ver!

2º BANDIDO - Ai!

1º BANDIDO - Que foi?

2º BANDIDO - Levei um tapa!

1º BANDIDO - Ai! (pulo) Então me dando caneladas!

2º BANDIDO - Deve ser o menino! Vamos pegá-lo!

(Fazem gestos de quem quer agarrar (algo em torno, mas só se esbarram e pulam, como que agradidos.)

VOZ DE JOÃOZINHO - Meu pai já deve estar chegando com a polícia, e aí vocês vão ver!

(Entra o doutor, meio distraído, falando sozinho. Os bandidos se lançam sobre ele).

DOCTOR - Ah...! ? Quem são vocês?

1º BANDIDO - Somos da quadrilha de Al Capone e queremos seu segredo!...



DOUTOR - Meu segredo? Por que?

2º BANDIDO - Sendo invisíveis, podemos roubar, matar e fazer espionagem sem que ninguém nos pegue! Ficaremos milionários sem correr perigo!

DOUTOR - É o que eu estava pensando... Minha fórmula pode também trazer muito mal... Pode ser usada para outros fins que não pensei...

2º BANDIDO -(Segurando-o sem que ele reaja) - E agora... é tarde para pensar!

VOZ DE JOÃOZINHO - Fuja, doutor!

(Os bandidos fazem gestos de sacudi-
dos).

BANDIDOS - Oh! Pestinha!

(Enquanto "lutam" assim, entra o de-
tective, percorrendo o chão
com a lente, seguido de dois polici-
ais).

DETETIVE - Procurar pistas... Prender todos os tipos suspeitos...
(Ergue os olhos e dá com os três) Tipos suspeitos! Aaah!
Quem são vocês?

1º BANDIDO - (Ar humilde) - Nós somos dois amigos da polícia!

2º BANDIDO - E estamos prendendo este homem, que é um perigoso
bandido!

DETETIVE - Amigos da polícia, vocês...?

VOZ DE JOÃOZINHO - Mentira! São bandidos!

DETETIVE - São bandidos...? Vocês são bandidos?

1º BANDIDO - Nós...? Nunca! Que injustiça! Ele (Aponta o doutor) é
que é bandido!

DETETIVE - (Para os policiais) - Então prendam este bandido!

VOZ DE JOÃOZINHO - Não!

DOUTOR MICANÇO - Seria um erro! Os bandidos são eles!

DETETIVE - São eles? Então prendam esses dois!

1º BANDIDO - Estão querendo enganar V. Excia!

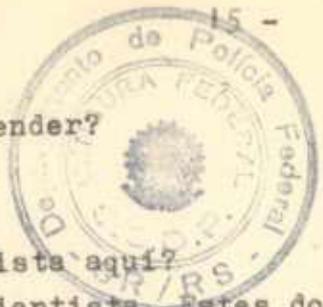
2º BANDIDO - Não vê logo? Estes cabelos descabelados, esse...esse
guarda-pó só de disfarce... esse jeito fingido de inocente!

DETETIVE - Realmente... É claro, evidente... Vi logo! Prendam esse
homem!

VOZ DE JOÃOZINHO - Parem! Ele é o Dr. Micanço, cientista!

BANDIDOS - Que cientista o que!

VOZ DE JOÃOZINHO - Prenda aqueles dois!



1º POLICIAL - Afinal, quem é que nós temos que prender?

BANDIDOS - ELE!

DOUTOR MICANÇO - Eles!

DETETIVE - (Atordoadado) Cientista...? Quem é cientista aqui?

DOUTOR MICANÇO - Eu, Sou o Dr. Macário Micanço, cientista. Estes dois são elementos perigosos, da quadrilha de Al Capote e queriam roubar uma fórmula que inventei para...

DETETIVE - (Interrompe-o, deslumbrado) - Da quadrilha de Al Capote, que há tanto tempo me desafia! OH!... (Para eles). Vocês pensam que alguém engana Apolinário Teodolindo Agamenides da Silva? Soldados, prendam esses dois!

(Os dois tentam fugir, faz-se um corre-corre, do qual o detetive se mantém sempre cautelosamente distante, mas não presos).

DETETIVE - Da Quadrilha de Al Capote! Presos!... Serei promovido! E todos louvarão o heroísmo com que me defrontei com os bandidos, lutando com eles, sem medo!

(Neste momento um dos bandidos dá um pulo para tentar livrar-se e ele recua rápido, assustado):

DETETIVE - Segurem-no bem! (Certificando-se de que está seguro, volta-se para o doutor, majestoso) - Doutor, queira ter a bondade de me acompanhar à delegacia para prestar seu depoimento, a fim de encarcerarmos definitivamente estes dois inimigos da ordem e da moralidade pública!

DOUTOR MICANÇO - Pois não...

VOZ DE JOÃOZINHO - E eu...? Nesta confusão o doutor levaram o doutor e eu nem perguntei como é que faço pra ser visível de novo! O melhor é ir também até a delegacia!

(Neste momento entra uma moça, de vestido leve (gaze ou musselina), azul claro, sem adornos ou fantasias, mas com certa suavidade na aparência. Não é "fada", embora sua presença lembrasse talvez uma. Ao entrar, Joãozinho está dizendo as últimas palavras e ela faz um gesto de quem é esbarrada por alguém. A seguir, "segura-o" pelos ombros).

MOÇA - Calma, Joãozinho. Onde é que você vai tão afobado? Quase me deruba...

VOZ DE JOÃOZINHO - Vou à delegacia para... Hei! Como é que a sra. sa-

be que sou eu, se não está me vendo?
MOÇA - (Com ar de riso) - E quem disse que não estou vendo você?
VOZ DE JOÃOZINHO - Porque estou invisível...
MOÇA - Não para mim, que velo todas as coisas.
VOZ DE JOÃOZINHO - (Afobada) - Ih!... Então... Nossa! Espere! Tenho que me vestir! Eu tinha pouco líquido e não deu para molhar minha roupa! Eu tenho que achar alguma coisa pra me cobrir!... Ah! Isto serve!

(O cobertor atrás do qual Joãozinho está na realidade é por este erguido, formando um "biombo");

MOÇA - Não se afobe, Joãozinho... O líquido que você bebeu só faz afeito durante 12 horas, isto é, metade de um dia. Dentro de alguns minutos você estará visível de novo.

VOZ DE JOÃOZINHO - Oh! Que bom!... Mas... mas que estou nu!

MOÇA - (Rindo) - Não faz mal, mas se quiser eu vou buscar sua roupa.

(Entra em casa. Depois de uma pausa, a cabeça de Joãozinho cai aparecendo por cima do cobertor.)

JOÃOZINHO - Será que eu estou mesmo ficando visível de novo? (Para a platéia) - Hei, vocês aí, estão me vendo? (Resposta) Puxa! Então é verdade!

(A moça retorna e dá-lhe a roupa por cima do cobertor).

JOÃOZINHO - Mas por que a senhora vê todas as coisas? É fada, é?

MOÇA - Não. Meu nome é Ternura.

JOÃOZINHO - Então é professora?

MOÇA - Também não. Apenas lembro às pessoas que as coisas mais importantes nem sempre são as que a gente vê e sim o que está atrás e os olhos não enxergam...

JOÃOZINHO - Puxa. D. Ternura, é isto mesmo!

TERNURA - ... mas que a gente percebe quando procura ver com os olhos do coração!

JOÃOZINHO - (Aparecendo). A sra. sabe que comigo aconteceu isso mesmo? Vi tanta coisa que não sabia antes! Vi plantas conversando, se mexendo que nem gente...

(Aproxima-se dela para olhá-las de novo)

TERNURA - Mas você já tinha aprendido em suas aulas de Conhecimentos Gerais que as plantas têm vida, que respiram...

JOÃOZINHO - Bom, mas a sra. sabe, aí a gente só decora para fazer prova e nem presta atenção direito... (Lembrando) Quando eu vinha do colégio, às vezes, vinha arrancando folhas' pelo caminho e jogando no chão, à toa, à toa... As folhas aí ficavam pisadas... Helena bem que dizia...

(Helena surge em foco de luz e atitude de DIFERENTES das anteriores, atfás, marcando a NOVA VISÃO do garoto. Ele fala olhando para ela:

JOÃOZINHO - Helena... A sra sabe que Helena é minha amiga? Estava nervosa, quase chorando, quando eu sumi... (Pensativo) Eu pensei que ela não gostava de mim... Vivia implicando comigo...

TERNURA - Mas depois, em vez de olhar só o que estava diante do nariz você sentiu o carinho dela, invisível, atrás do que ela faz...

JOÃOZINHO - Foi mesmo... Fiquei até espantado... (Pausa) Minha mãe também, a sra. sabe? Aquele negócio de colégio interno era só tapeação... É porque ela... porque ela... (Devagar, olhando a NOVA IMAGEM da mãe, do outro lado) tem medo ... (tentando elaborar sua idéia, como para si mesmo). Eu descobri uma coisa gozada: gente grande também tem medo ... Eu achava que só quando a gente é pequeno é que tem medo, do escuro, de bichos, de uma porção de coisas e pensava que gente grande sabia tudo, fazia tudo e não tinha medo de nada... Mas quando acontece uma coisa que eles não sabem explicar, como o meu caso...

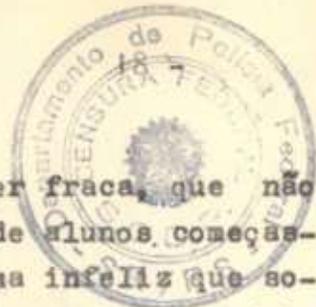
TERNURA - ... Eles também tem medo, chegam até a fazer bobagens, porque não sabem o que fazer e não querem mostrar que estão com medo, não é?

JOÃOZINHO - É... (Reagindo de repente). Bom, mas isso não é com todos... D. Eufrosina, aquela velha ranzinza, é má mesmo..

TERNURA - Tem certeza, Joãozinho? Ou vamos procurar o invisível nela? E se ela é assim porque tem medo...

JOÃOZINHO - Medo? De que?... Só se for de ver a cara dela no espelho!

TERNURA - Não Joãozinho... Medo de que voce descubra que ela não passa de uma pobre velha isolada, sem filhos, sem família, sem carinho... (Imagem de D. Eufrosina, dentro da nova descrição e visão). Qua à noite, quando voce esta em casa, alegre, com seus pais, ela está em seu quarto sozinha, podendo ficar doente ou até morrer sem ninguém para cuidar dela... Medo de que se ela não fizer aquela cara



feia, vocês vejam que ela é uma mulher fraca, que não saberia o que fazer se toda a turma de alunos começasse a gritar ou fazer confusão... É uma infeliz que sofre porque ninguém gosta dela e só chegam perto dela para fazer caçoda...

(O rosto de Joãozinho se descontrai pouco a pouco, enquanto Ternura fala).

JOÃOZINHO - É D. Ternura, a senhora ganhou... (Pausa). Coitada da velha!

TERNURA - E voce verá muita coisa mais, se aprender a olhar sempre o invisível, o que está atrás e os olhos não vêm, mas o coração percebe...

(A mãe aparece na porta).

MÃE - Joãozinho! (Corre a abraça-lo e beija-lo) Meu filho! Pensei que não encontraria mais voce!

JOÃOZINHO - (Comovido) - Eu nunca ficaria longe de voce, mamãe... Eu sei que, mesmo que às vezes zangue comigo, voce gosta muito de mim.

(D. Ternura se afasta para o lado suavemente, como entrara, sem ser notada).

MÃE - Hein?... Nem parece o meu "Peteleco" falando!...

(Entram o pai e Helena e correm a abraçá-lo).

HELENA - Joãozinho! Onde é que voce esteve? Que foi que aconteceu?

JOÃOZINHO - Que me aconteceu? Uma porção de coisas... Vi tanta coisa que não conhecia...

HELENA - Onde? Voce está diferente!

PAI - É mesmo! Qual é o seu segredo?

JOÃOZINHO - Meus segredo? Só eu e D. Ternura sabemos... Uê, cadê ela?

MÃE - Ela quem, Joãozinho?

JOÃOZINHO - Também está invisível... Mas aprendi o que ela mostra: não olhar só com os olhos, ver também com o coração...

PAI - Eh.. Voce mudou muito, mesmo!

HELENA - (Pra si) - Qual será seu segredo?

JOÃOZINHO - (Pra platéia) - Meu segredo... Eu sei... E vocês também sabem, não é?

MÃE - Então vamos esquecer todo esse susto... e vamos almoçar!

JOÃOZINHO - Vamos, que eu estou roxo de fome!

